

# ESTEREÓTIPO DE *BANDIDO* DO ÔNIBUS 174 AINDA NO IMAGINÁRIO: MEMÓRIA DA RECEPÇÃO E METODOLOGIA DE PESQUISA NA RECUPERAÇÃO DO FATO JORNALÍSTICO

*Stereotype of criminal of the bus 174 in  
the imaginary: memory of reception and  
research methodology in the recovery of  
the journalistic fact*

Caroline Dall Agnol\*  
Marlene Branca Sólío\*\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é recuperar a importância da consistência no método de pesquisa científica trazendo novas possibilidades de estudo para acadêmicos de Comunicação Social. É possível estudar casos jornalísticos que marcaram memórias afetivas e que se prolongam após anos. O estudo (2012) inicial – resultado de monografia de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – se debruçou sobre o caso do *Ônibus 174* – ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 2000. No estudo, analisamos como o jornal *O Globo* construiu, com seu discurso, um estereótipo de *bandido* do personagem central do caso. Buscamos três hipóteses para responder à questão: a primeira assegura a criação de um estereótipo pelo jornal, que buscou induzir

\* Mestra em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Linha de pesquisa Fontes e Linguagens. Bacharela em Comunicação Social – Jornalismo pela UCS. Foi coordenadora de Jornalismo WebTV na Grande Florianópolis pelo Portal Desacato.info, mídia independente com enfoque no Jornalismo Político e Políticas Públicas. *E-mail:* <carolineagnol@gmail.com>.

\*\* Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estágio pós-doutoral concluído em 2015, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Ciência da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Especialista em Jornalismo Digital pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Produção de Imagens com Meios Tecnológicos pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e em História Contemporânea pela universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). *E-mail:* <brancasoliao@gmail.com>.

Data de submissão: 30.9.2018

Data de aceite: 20.11.2018

Revisão: Isabete Polidoro Lima

os leitores a classificar o personagem central como *bandido*; a segunda postula que os leitores confiaram que o estereótipo criado atendia à realidade, e a última afirma que o documentário *Ônibus 174* (2002) desconstrói esse estereótipo. A partir do método-guia fenomenológico-hermenêutico, o trabalho apoiou-se em técnicas metodológicas de Estudo de Caso, Análise do Discurso, Entrevistas em Profundidade e *Focus Group*. Foi possível analisar as matérias publicadas em *O Globo* da época sobre o fato. Recuperar o fato jornalístico mostrou que o jornal criou um *bandido perigoso*, e que sua imagem ganhou força na mídia pelo ato criminoso e não pela história de vida e que essa se manteve na memória afetiva do grupo pesquisado.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Violência. Método. Técnicas metodológicas.

**Abstract:** The aim of this article is to recover the importance of the consistent in the scientific research method, bringing new possibilities for the students of Social Communication/Media. It is possible to study journalistic cases that left affective memories and that still last after years. The initial study (2012) – results from a monograph of the Social Communication course (Journalism) focused on the case of *Bus 174*, which took place in the city of Rio de Janeiro, in 2000. After 12 years, the image study of the thief in the interviewees' memory was possible through methodological techniques applied with cohesion in scientific research that reached the goals proposed with efficiency and objectivity. In the study, we analyzed how the newspaper *O Globo* constructed, with its speech, a stereotype of "thief" from the central character of the case. We sought three hypotheses to answer the question. The first assures the creation of a stereotype by the newspaper inducing the readers to judge the central character as a thief; the second postulates that the readers believed the stereotype created was true and the last one states that the documentary *Bus 174* (2002) deconstructs this stereotype. From the Phenomenological-hermeneutic guide-method, supported by Case Study methodological techniques, Discourse Analysis, In-Depth Interviews and Focus Group, we achieved the outcome. It was possible to analyze the articles published in *O Globo* from that time about the fact. Recovering the journalistic fact showed that the newspaper created a *dangerous thief* and his image was reinforced by the media for the criminal act and not for his life story and that this was kept in the affective memory of the researched group.

**Keywords:** Journalism. Violence. Method. Methodological techniques.

## Introdução

O artigo que trazemos instiga a refletir sobre o quanto veículos de comunicação marcam conceitos e opiniões que perpassam por décadas. Tornam-se histórias vivas na memória afetiva de quem deles foi contemporâneo e de quem reconta os fatos imprimindo-lhes o juízo que empregou e/ou foi induzido a empregar naquele momento.

O trabalho tem a pretensão, também, de sugerir a novos pesquisadores a aplicação coesa de técnicas metodológicas no sentido de investigar, academicamente, o impacto de fatos jornalísticos após alguns anos de sua ocorrência e as narrativas de veículos de comunicação contemporâneos a esses fatos. É importante que se estudem fatos jornalisticamente impactantes com amparo em metodologias comprometidas com o social.<sup>1</sup> Foi isso que se buscou ao revisitar o caso do *Ônibus 174*.

A mídia pode contribuir para a criação de estereótipos de *bandido*? Tem o poder de condenar ou absolver suspeitos de um crime? Esse tema é fértil em debates e contradições e, cada vez mais, se mantém em pauta, no Brasil especialmente, devido ao atual contexto sociopolítico-cultural. Em uma esfera política polarizada, nos deparamos com o discurso de defesa dos direitos humanos e o desejo clamado: por bandido bom é bandido morto. Nesse cenário, a mídia hegemônica tem papel crucial. Mídia e violência são temas vastos, daí a importância de um recorte cuidadoso. Optamos por voltar ao passado: às páginas de um jornal da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2000. O estudo se concentrou em resgatar fato amplamente debatido à época: o caso do *Ônibus 174*, com grande repercussão também na televisão, sendo, inclusive, transmitido ao vivo.

**Em direção ao passado:** *Em 12 de junho de 2000, segunda-feira, um caso policial parou o País. Sandro do Nascimento Barbosa, de 21 anos, subiu em um ônibus da Linha 174, rota Gávea-Central, no Rio de Janeiro, e fez dez reféns durante quatro horas. O fato ficou conhecido na mídia como o Ônibus 174. Também ficou conhecido devido à desastrosa atuação da polícia, responsável pela morte da refém Geisa Firmo Gonçalves, no local do crime, e de Sandro, asfixiado dentro do camburão da corporação. A polícia, o Bope, as pessoas que estavam em volta do ônibus, jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, todos pararam para ver as ações do rapaz, do “bandido, fora de si”. (O Globo, 13 jun. 2000, p. 21).*

Muitos desconheciam e ainda desconhecem a origem do personagem Sandro do Nascimento Barbosa, protagonista da história. Optou-se por questionar cinco pessoas em Caxias do Sul (RS) para um provável estudo empírico. Quais são as lembranças daquele fato? Quem era Sandro do Nascimento Barbosa? *Bandido* ou vítima do sistema social? Nas respostas, quatro delas afirmaram que o *bandido* havia matado uma pessoa e todas disseram desconhecer a história de Sandro, o menino sobrevivente da chacina da Candelária, em julho de 1993 – em que oito jovens e crianças de rua foram assassinados por policiais, na calçada da Igreja da Candelária,

<sup>1</sup> Em 2015 já havíamos publicado um artigo na revista *Alceu* (v. 15, p. 25-42, 2015 – *Metodologia no trabalho científico: importância da coerência no desenvolvimento da pesquisa*) debruçando-nos sobre a importância da coerência no desenvolvimento da pesquisa e do rigor no método. Recuperamos o tema por perceber que o cenário para novas investigações sobre fatos passados continua atual e oferece espaço para reflexão.

no Rio de Janeiro (RJ). As respostas instigaram a buscar o porquê das lembranças negativas sobre o fato. O modo como as informações sobre a criminalidade são expostas na mídia e a repercussão que teve o caso *Ônibus 174* nos inquietavam. Nosso problema de pesquisa era: O jornal *O Globo* construiu um estereótipo de *bandido* ao personagem central do caso do *Ônibus 174*?<sup>2</sup>

O objetivo geral era verificar se *O Globo* construiu um estereótipo de *bandido* sobre Sandro do Nascimento Barbosa e qual a percepção do leitor em relação a isso. Para o prosseguimento da pesquisa, definimos como objetivos específicos: – estudar o conceito de jornalismo comparando a teoria com a prática exercida pelo jornal *O Globo* na cobertura das matérias; – estudar os conceitos de estereótipo, violência e poder relacionando-os com a sociedade contemporânea; – analisar a construção do sujeito Sandro pelo documentário *Ônibus 174* comparando-a com a construção do mesmo pelo jornal *O Globo*; e – estudar o impacto do fato sobre o leitor a partir das duas mídias referidas (jornal *O Globo* e documentário).

Hipóteses inicialmente levantadas na pesquisa: – o jornal *O Globo* criou um estereótipo induzindo os leitores a julgarem Sandro um bandido; – os leitores confiaram que aquele estereótipo criado pelo jornal atendia à realidade; – o documentário *Ônibus 174* desconstruiu esse estereótipo, e as pessoas se dão conta disso.

Para embasar o estudo, utilizamos o método-guia o fenomenológico-hermenêutico, que nos ajudou na desconstrução e na análise das matérias de *O Globo*, publicadas de 13 a 20 de junho de 2000. Seleccionamos 29 matérias e 42 retrancas relacionadas diretamente ao assunto. Nesse mesmo período, contabilizamos mais 14 matérias relacionadas à violência a partir do caso do *Ônibus 174*, no entanto, essas não entraram como *corpus* da pesquisa. A abordagem, na pesquisa, caracterizou-se como qualitativa, e os procedimentos que a fundamentaram foram o estudo de caso, com 15 entrevistas em profundidade, submetidas à análise de discurso, buscando compreender a percepção dos entrevistados sobre o fato em estudo. O objetivo era ver a percepção dos entrevistados sobre o fato e a análise que os mesmos fizeram das mídias em questão: *O Globo* e o documentário *Ônibus 174*. Utilizamos, também, uma breve análise de conteúdo, ao quantificar alguns dos conceitos empregados pelo jornal para construção do estereótipo *bandido*.

<sup>2</sup> Optamos por analisar o discurso do jornal *O Globo* por se tratar de uma mídia local, ou seja, do local do fato jornalístico, cidade do Rio de Janeiro e, por ser um dos jornais impressos com o maior prestígio no Brasil, liderando, em 2001 (ano do caso do *Ônibus 174*) o terceiro lugar como jornal mais lido no País. Dados coletados em Infoglobo. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/institucional.aspx>>. Acesso em: 12 set. 2018.

As técnicas metodológicas foram utilizadas em arquitetura de *rede*. O cruzamento de metodologias durante a pesquisa possibilitou a compreensão do pesquisador com relação ao discurso utilizado pelo jornal e a interpretação dos entrevistados sobre esse mesmo discurso. O processo partiu de três palavras-chave: *Jornalismo*, *violência*; e *poder*, que sustentaram a fundamentação teórica da pesquisa.

Para transmitir a notícia, narrar fatos, encontrar a verdade, desconstruir e construir acontecimentos, é preciso um jornalista. Para o jornalismo, perseguir a imparcialidade é fundamental. Karam (1997, p. 15) diz que “a diversidade de fontes que expresse a pluralidade social é indispensável para formar a compreensão do presente e permitir a invenção mais consciente no futuro”. E Bucci (2004, p. 50) observa que é preciso mostrar os dois lados de uma mesma história. “Quando há dois lados que nela se enfrentam, é uma exigência ao mesmo tempo ética e técnica do jornalismo. Procurar a verdade dos fatos é um imperativo ético – é, também, o objetivo de toda a técnica jornalística.” Analisamos, assim como o autor, que mostrar os dois lados é dar voz aos sentidos, às histórias contadas pelo jornalismo.

Importa pontuar, ainda, que a multiplicidade de canais, a velocidade da distribuição/entrega e a multiplicação do número de agentes na coleta de informação/ produção de matérias são variáveis cujo peso aumenta na mesma proporção em que se qualificam os processos tecnológicos a serviço da informação. Isso significa dizer que já não cabe falar apenas em *dois lados* quando se trata de jornalismo.

A afirmação pode ser dicotômica, na medida em que, de um lado, pode estar associada ao que vem sendo classificado como “era da pós-verdade”, que propiciaria ao leitor/usuário vivenciar apenas o que lhe agrada ao adequar os fatos às suas ideias, legando à verdade posto secundário, enquanto suas emoções e crenças assumem a cena; mas pode, também, estar associada ao fato de a sociedade, calcada na profusão de dados/informações permitir aos sujeitos não apenas tomarem contato com múltiplas fontes/formas de informação, mas serem eles próprios essas fontes/formas.

Entender como o jornal *O Globo* contou a história de Sandro do Nascimento Barbosa (personagem central do caso *Ônibus 174*), é também entender como se dá a linguagem do jornalismo policial exposto nas páginas de jornais e outros meios midiáticos e perceber se essa linguagem consegue ser imparcial e, conseqüentemente, dar voz a *ambos os lados*. E como sabemos, desde Bakhtin (1995), que o discurso é polifônico, mencionar *ambos* passa a ser apenas um recurso pedagógico, enfatizamos novamente.

Lustosa (1996, p. 120) diz que a matéria policial que, às vezes, tem um “péssimo texto” não se deve à sua origem, mas ao despreparo do profissional. Ele afirma que todo o texto jornalístico é sensacionalista, mas, no jornalismo policial, essa característica recebe maior ênfase: “Ali são espelhados os grandes dramas humanos, as paixões e as tragédias.

“Identificado como Sandro do Nascimento Barbosa, o *bandido* teve um passado de menor de rua viciado em cola, que praticava furtos e assaltos em esquinas e sobreviveu à Chacina da Candelária, há sete anos.” (O GLOBO, 14. jun. 2000, p. 22). Fatos policiais narrados dessa forma são comuns quando se referem a classes menos favorecidas como apontou Amaral (1987), “basta que a polícia detenha um suspeito, para que ele apareça como criminoso nas manchetes, como se alguém pudesse ser apontado como tal antes do julgamento final da Justiça” (p. 92-93), prática que se repetiu no caso *Isabela Nardoni*, em que os suspeitos foram condenados dois anos antes do julgamento. A *práxis* se atualiza, mais recentemente, por exemplo, se tomarmos o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (2016), e, ainda mais recentemente, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2018), ou a acusação contra Luiz Alves de Lima (2017), que teria estuprado a filha de dois anos. O caso rendeu reportagens e notícias durante, quando o Senador Magno Malta aparecia como o herói em uma CPI da pedofilia. Após nove meses e prisão, a Justiça declarou a inocência do suposto criminoso.

O modelo neoliberal<sup>3</sup> de sociedade no qual o Brasil se insere preconiza a sustentação de bens materiais e banaliza as relações humanas e a própria violência. A sociedade vislumbra a vulgarização da violência, da morte, da miséria. A não resistência, arquitetada no jogo político-ideológico, altera as regras básicas de convivência social. Quando as relações são enfraquecidas, e o consumo supervalorizado, a violência se banaliza. Gauer (1999, p. 13), observa que ela designa constrangimento físico ou moral, utilização da força: transformar o sentido do que foi dito, “estabelecer o contrário do direito à justiça – que se baseia faticamente no dado, dar-se à ética –, negar a livre manifestação que o outro expressa de si mesmo a partir de suas convicções”. A indiferença diante de atos violentos, em uma zona vulnerável, por exemplo, acaba naturalizando a violência. É como se quem vivesse em determinado ambiente estivesse condenado a *metabolizá-lo* e, nesse caso, ser violento.

<sup>3</sup> O neoliberalismo prioriza a propriedade privada e a livre-competição. O princípio-chave é a liberdade de empreendimento e a escolha individual. “Acredita que o interesse próprio constitui um móvel dominante dos agentes sociais (egoísmo ético)”. (SÓLIO, 2010, p. 22).



Essa banalização pode ser observada na matéria do jornal *O Globo*, de 14 de junho de 2000, em que a manchete *Bandido era sobrevivente da Candelária*, referindo-se a Sandro – envolvido no caso do *Ônibus 174* – dá ênfase ao *bandido* e não à vítima de uma chacina. Nota-se que o enfoque das matérias publicadas está relacionado diretamente a um *bandido* que sequestrou um ônibus em um bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro. Não interessa o fato de ser um menino de rua que sobreviveu a uma das piores chacinas já registradas no Rio de Janeiro, a da Candelária, em que oito crianças e jovens foram assassinados em julho de 1993, por policiais. A mensagem subliminar que fica não é a do estigma, tampouco merece destaque a marginalidade dos policiais, mesmo que um deles tenha matado a refém do caso com um tiro na cabeça. O texto induz à interpretação de que os policiais estavam fazendo justiça, e que o sobrevivente da Candelária, fatalmente, iria *revelar-se* poucos anos mais tarde, sete anos precisamente. “Praticava furtos e assaltos em esquinas e sobreviveu à Chacina da Candelária, há sete anos.” (O GLOBO, 14. jun. 2000, p. 22). Também não há referência a crime quando era do senso comum que os policiais sufocaram Sandro na parte traseira do camburão, a caminho do hospital.

Em nenhum momento, a matéria insinua que o *bandido* em questão foi vítima de um sistema social perverso. A utilização de *sobrevivente da Candelária* serve mais como apoio para enfatizar que Sandro era realmente um *bandido*, e que estava condenado a ter essa carreira de delinquente, justamente por seu histórico, como se ser um ex-menino de rua, pobre que escapou de uma matança tivesse sido escolha deliberada dele.

A violência pode ser observada como um problema cultural e social. Pode, também, ser relacionada a um sistema de poder que a ela está intrinsecamente ligado. A violência vai muito além da criminalidade.

A sociedade contemporânea vive o paradigma da insegurança, do medo e da violência nas ruas. A banalização dessa violência assume um caráter de invisibilidade, quando se refere à insegurança nas ruas que cercam os grandes centros urbanos. Silva (1999, p. 41) aponta que as pessoas atribuem a culpa ao “menino de rua”. Segundo ele, esse menino de rua é caracterizado pela “monstruosidade composta pelas clássicas diafanias que perpassam nossos devaneios sobre a infância, misturados aos horrores que esses meninos aí soltos são capazes”. (SILVA, 1999, p. 41). Cria-se o estereótipo<sup>4</sup> do menino de rua, aquele que, certamente, vai se tornar um bandido no futuro em curto prazo.

<sup>4</sup> Usa-se, aqui, o termo *estereótipo* no sentido do preconceito que a sociedade cria quando se refere a meninos de rua, “para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo”. (PEREIRA, 2002, p. 43).

Falar de menino de rua é falar de Sandro do Nascimento Barbosa. Dar-se conta do mecanismo que gera essa violência é a base para que a sociedade consiga olhar para Sandro sob outro prisma: o social. Compreender a violência é o primeiro passo para dissolvê-la. Bourdieu (2010, p. 15) diz que o que faz existir poder nas palavras e nas palavras de ordem “é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.

Aplicando a afirmação ao jornalismo, especificamente ao Estudo de Caso escolhido: caso *Ônibus 174*, podemos entender que a palavra *bandido* somente recebe a força de sentido que tem pelo poder de credibilidade que o enunciador tem.

Mancha, Alex, Sérgio ou Sandro. Os nomes e apelidos mudaram de acordo com a rotina da vida de quem viveu nas ruas do Rio. Identificado como Sandro do Nascimento, o ***bandido*** teve passado de menor de rua viciado em cola, que praticava furtos e assaltos em esquinas e sobreviveu à chacina da Candelária, há sete anos. (O GLOBO, 14. jun. 2000, p. 22).

Quem enuncia? O jornal *O Globo*. Quem é *O Globo*? “O jornal *O Globo* é um dos jornais de maior prestígio no País, posicionando-se entre os três jornais de maior circulação no Brasil.”<sup>5</sup>

A ênfase na utilização da palavra *bandido* e as outras características levantadas sobre Sandro possibilitam fazer uma análise. Qual a intenção de *O Globo* quando apresentou o jovem como “o menor viciado em cola”? Tinha como objetivo reforçar o estereótipo do jovem menor de rua, que nasceu para ser *bandido*, e cujo destino não poderia ser diferente.

## 2 Aplicação das técnicas metodológicas: conhecendo o passo a passo

Teóricos como Foucault (2000, 2003), Bourdieu (2001), Lage (1999) e Pêcheux (1988) estiveram conosco em todo o processo de estudo. Escolhemos realizar a pesquisa qualitativa, com entrevistas em

<sup>5</sup> O jornal *O Globo* teve início em 1925, na cidade do Rio de Janeiro. “Líder absoluto nas classes A e B, é um jornal que leva para os leitores muito mais do que informação. *O Globo* apoia projetos culturais e educacionais, além de ter um time de colunistas que reforçam a pluralidade e contribuem para que o leitor forme sua própria opinião, pois tem acesso ao que há de melhor em conteúdo. O jornal *O Globo* é um dos jornais de maior prestígio do País, se posicionando entre os três jornais de maior circulação”. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/institucional.aspx>>. Acesso em: 12 set. 2018.



profundidade e *Focus Group* (estudos de recepção, portanto) com leitores selecionados e a análise quantitativa na busca de estereótipos citados nas matérias jornalísticas. O tema do estudo é a criação de estereótipos pela imprensa. O método-guia da pesquisa foi o fenomenológico-hermenêutico, com apoio no estudo de caso, na análise do discurso, na entrevista em profundidade e no *Focus Group*, como esclarecido.

Para aprofundar o estudo sobre o caso *Ônibus 174* com um olhar que perseguisse a imparcialidade, optamos por separar a análise em quatro momentos: *Doze anos do caso Ônibus 174, as lembranças que ficaram; Matéria: “bandido era sobrevivente da Candelária; Analisando as notícias; e A desconstrução do “bandido” pelo olhar documental: Ônibus 174.*

A pesquisa em campo se deu da seguinte forma: a) os entrevistados foram questionados sobre as lembranças a respeito do caso do *Ônibus 174*. Qual a imagem que permanece de Sandro – rapaz que sequestrou o ônibus? O que lembram sobre o fato? Todas as falas registradas por meio de um gravador digital; b) após a conclusão das falas e das gravações das mesmas, entregamos uma matéria do *O Globo* – “*Bandido era sobrevivente da Candelária*” (14 jun. 2000, p. 22) e verificamos se algo mudou. Analisamos se houve mudança de opinião, ou se o entrevistado deu maior ênfase aos estereótipos; c) o último tempo deu-se com uma discussão em grupo (*Focus Group*), quando as mesmas 15 pessoas assistiram ao documentário *Ônibus 174* e falaram sobre as percepções que obtiveram no contato com o documentário apresentado.

Na primeira fase da pesquisa, recuperamos o caso. *Doze anos do caso Ônibus 174, as lembranças que ficaram*, fato jornalístico registrado e marcado pelas imagens televisivas, expostas em jornais, veiculadas em notícias auditivas, com repercussão em mídia nacional e internacional. Que memórias ficaram registradas ao longo desses doze anos? Realizamos entrevistas em profundidade com 15 pessoas solicitando que relatassem suas lembranças sobre o rapaz Sandro do Nascimento Barbosa. A partir dessas memórias, construímos uma pré-imagem de Sandro, personagem principal da história.

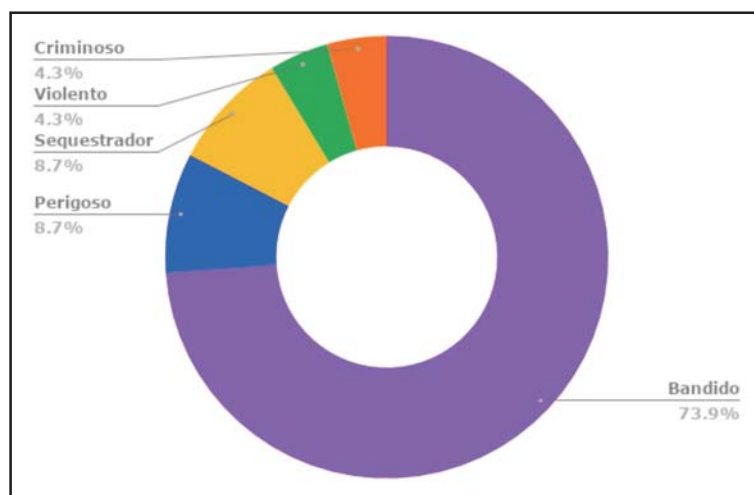
Os 15 selecionados eram homens e mulheres acima de 25 anos (era necessário que tivessem acima de 25 anos para poderem lembrar do caso ocorrido em 2000).

Para selecionar os entrevistados, optou-se pela técnica de sorteio. Buscou-se uma lista de contatos com nomes de 10 pessoas para cada área selecionada na pesquisa: sociólogo, advogado, jornalista, agente penitenciário, trabalhador de fábrica, moradores de bairro, psicólogo, desempregado, estudante de diferentes cursos, segurança de banco, líder sindical e comerciante.

Partimos para o segundo momento da pesquisa, analisando as notícias. Após leitura minuciosa de cada matéria selecionada, retomamos as categorias desenvolvidas: Jornalismo/ética, Poder/ideologia, Estereótipo/ violência. Cada categoria foi embasada por autores que possibilitaram a análise profunda do discurso exposto no jornal *O Globo*. Usamos as mesmas categorias para analisar as entrevistas em profundidade. Para aplicar a análise de discurso nas matérias publicadas no jornal *O Globo*, optamos por realizar um recorte. Definimos matérias divulgadas de 13 a 20 de junho de 2000, semana em que o fato aconteceu. Durante esse período, algumas matérias tiveram duas edições. Foram no total de 29 matérias diretas, 42 retrancas e 14 matérias indiretamente ligadas ao caso *Ônibus 174*. Dessas, optamos por analisar profundamente matérias sortidas para compreender como Sandro foi identificado no envolvimento no caso *Ônibus 174*.

Foi possível identificar na matéria e em suas retrancas qualquer menção ao descumprimento do papel do Estado em relação ao cidadão Sandro, garantindo-lhe “direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança” previstos na Constituição Brasileira de 1988. A matéria valoriza a condição de *bandido* ao referir-se a Sandro do Nascimento Barbosa. O adjetivo foi encontrado 17 vezes no texto, além dos demais classificando-o como: “criminoso, violento, perigoso, sequestrador” (como demonstra o Gráfico 1 estereótipos).

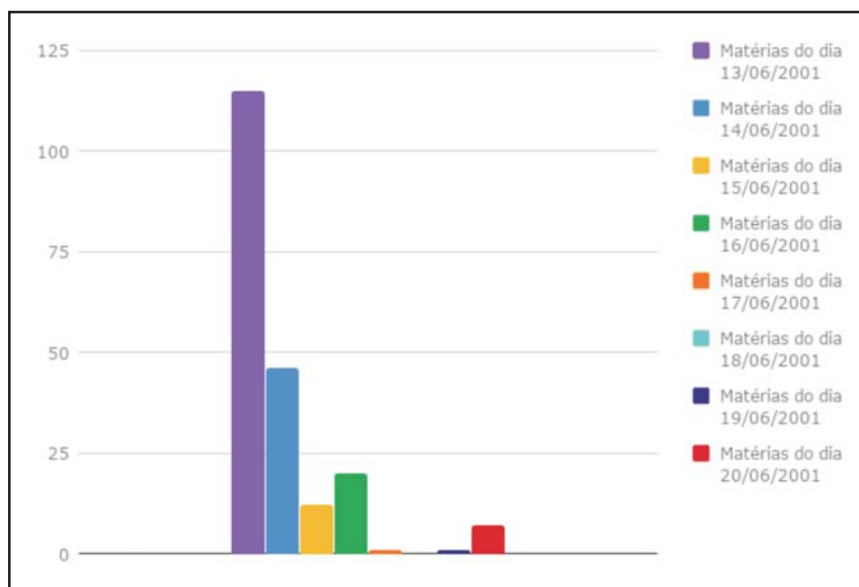
**Gráfico 1** – estereótipos



Fonte: Carolina Dall Agnol.

Nesse universo de matérias sobre o fato, a ênfase na palavra *bandido* totalizou uma repetição de 202 vezes. Além disso, os adjetivos: drogado, criminoso, perigoso, entre tantos outros também foram muito utilizados para construir o perfil do rapaz que protagonizou o drama em 12 de junho de 2000. Gráfico sobre a palavra *bandido*, demonstra quantas vezes ela apareceu nas matérias citadas).<sup>6</sup>

**Gráfico 2 – Palavra bandido**



Fonte: Carolina Dall Agnol.

Somente nas 26 matérias publicadas no dia 13 de junho, um dia depois do ocorrido, a palavra *bandido* foi usada 115 vezes para identificar Sandro.

A escolha pela pesquisa qualitativa se deu por se tratar de uma pesquisa que evita os números, “e lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 23) em sintonia com o método-guia.

A pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de um trabalho subjetivo, com o qual foi possível mostrar o caso do *Ônibus 174* como um problema social passível de interpretação e análise, a partir dos dados coletados e das entrevistas registradas, evidenciando desdobramentos importantes.

<sup>6</sup> No dia 13 de junho foram 26 as matérias publicadas sobre o assunto. No dia 14, foram 20. No dia 15 foram 8 matérias e, no dia 16, totalizaram 6. No dia 17, foram publicadas 4. No dia 18 de junho, fecharam 7 publicações. No dia 19, publicaram 4 matérias e, no dia 20, fecharam a edição com 7 matérias publicadas. No total foram 82 matérias.

Já a pesquisa quantitativa foi utilizada para contabilizar quantas vezes e em que contexto foi aplicada a palavra *bandido* nas matérias que pertencem ao estudo. Gráficos foram criados para mostrar a medição desses dados e poder, dessa forma, interpretar o que significa uma matéria conter 17 vezes o adjetivo *bandido*. Isso muda a opinião do leitor sobre o rapaz envolvido no caso *Ônibus 174*? Em busca de resposta, utilizamos a interpretação e a técnica metodológica da análise de conteúdo.

Para Bardin (2000, p. 31), a Análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Não é apenas um instrumento, mas um leque de possibilidades de aplicação no vasto campo das comunicações. A autora (2000, p. 32) afirma que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por aquele, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.”

Isso justifica a escolha dessa técnica de análise nas matérias selecionadas em *O Globo*. No campo das comunicações, observamos os significados dos estereótipos levantados pelo veículo analisado. Para Orlandi (2010, p. 17), a análise de conteúdo “procura extrair sentido dos textos, respondendo à questão: *O que este texto quer dizer?*”

Na sequência, para seguir com o aprofundamento da pesquisa qualitativa, optou-se pela análise do discurso, especificamente da escola francesa. (PÊCHEUX, 1988). Brandão<sup>7</sup> (2012, p. 21) lembra que para a análise do discurso o uso da linguagem exige um saber linguístico de seus usuários e também “um saber que é exterior à língua que envolve aspectos histórico-ideológico-sociais, saberes adquiridos, quer pela prática cotidiana, quer pela escolarização, saberes que o analista deve apreender em seus estudos”.

A autora (2012, p. 22) entende essa análise como formação discursiva, concepção que aponta para o conceito de heterogeneidade: “Uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão, ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas”. Para Pêcheux

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e preposições são

<sup>7</sup> Helena Nagamine Brandão, autora do capítulo “Enunciação e construção do sentido”, do livro *Comunicação e análise do discurso* (2012), baseia-se em Pêcheux (1988) para uma análise profunda do discurso.

produzidas [...]. Poderíamos resumir esta tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (1988, p. 160).

Dessa forma, podem-se analisar os discursos e conceitos expostos nas matérias publicadas em *O Globo*, maior jornal da cidade onde o fato ocorreu. Brandão (2012, p. 23) vai dizer que, para compreender o sentido do discurso, deve-se compreender “o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto de que estão tratando”.

O que será respondido “não é ‘o quê’, mas ‘como’. [...] Produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa”. (ORLANDI, 2010, p. 18).

Pêcheux (1988) faz uma observação quanto aos significados que uma mesma palavra pode ter. Uma palavra pode mudar o sentido, dependendo de quem a pronuncia.

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme se referirem a esta ou àquela formação discursiva, é porque uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (1988, p. 161).

E Brandão (2012, p. 26) completa dizendo que “a língua é indiferente às classes sociais, à ideologia, mas o discurso não o é. O falante utiliza a língua de acordo com sua posição social e ideológica”.

Foi possível analisar como se deu o discurso do jornal *O Globo* que construiu o estereótipo de um personagem a partir de ideologia e ética centradas em valores de uma sociedade capitalista, neoliberal e individualista, cujo poder está normalmente arraigado a um grupo com forte circulação político-econômica, o que leva ao desequilíbrio social e à violência. Para essa leitura, porém, é preciso dispor-se a ler “o dito e o não dito”.

Assim, fizemos uso de um estudo de caso simples, que se estrutura a partir do jornal, com as matérias dos dias 13 a 20 de junho de 2000, referentes

ao caso do *Ônibus 174*. A opção pelo periódico se deu pela alta circulação em âmbito nacional, por se tratar de um jornal radicado no local do crime e, também, por sua credibilidade no momento de formar opiniões a respeito do fato. Voltamos, portanto, a Pêcheux quando destaca a importância do lugar de fala.

Para Martins, a estratégia de pesquisa, utilizando o estudo de caso, permite que uma unidade social seja investigada profunda e intensamente.

Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto. Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado – problema da pesquisa –, o Estudo de Caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa. (2008, s. p.).<sup>8</sup>

Na aplicação dos procedimentos metodológicos anunciados, definimos as matérias e analisamos o espaço de tempo dos jornais publicados para a realização da pesquisa: uma semana. Com a Análise do discurso das entrevistas aplicadas aos leitores selecionados, queríamos entender o que o texto significa para quem o lê. Optamos, também, por analisar qual é o poder da palavra *bandido* na construção de uma realidade e quais são os principais estereótipos criados nos textos.

Para compreender o que o leitor entende a partir de um texto jornalístico, escolhemos duas estratégias de estudo de recepção: entrevistas em profundidade semiestruturadas e individuais, realizadas com 15 pessoas da cidade de Caxias do Sul, região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul e *Focus Group* com os mesmos indivíduos.

Para Sierra (1998, p. 229) a entrevista em profundidade é um tipo de entrevista na qual o objeto de investigação é a vida – experiências, ideias, valores e estrutura simbólica do entrevistado. Dessa forma, observamos que a entrevista em profundidade era a mais adequada para a pesquisa sobre o caso do *Ônibus 174*. Quanto ao número de pessoas entrevistadas, 15, segundo Godoi e Mattos (2006), a escolha dos participantes do estudo é de competência do pesquisador que tem flexibilidade com base no desenvolvimento teórico, caso seja necessário voltar a campo e ampliar o número de participantes ou aprofundar a conversação com os mesmos.

<sup>8</sup> Apresentação do livro *Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa*. (2008).

“Na entrevista, a participação do entrevistado e do entrevistador conta com expectativas explícitas: um de falar e o outro de escutar.” (VALLES, 1997, p. 180). Assim, as entrevistas foram gravadas, e o entrevistador, depois de explicar claramente o objetivo do encontro, buscou fazer o mínimo possível de interferências que pudessem induzir a qualquer análise.

Godoi e Mattos (2006) observam que há três modalidades principais de entrevista qualitativa: a) entrevista conversacional livre, sem necessidade de perguntas padronizadas, havendo a possibilidade de questionamentos no contexto e conforme as interações naturais que possam ocorrer; b) entrevistas baseadas em roteiro, em que o entrevistador ganha flexibilidade para ordenar e formular as perguntas; c) entrevista padronizada aberta, caracterizada por abordar o problema em formato de questionário – uma lista será distribuída com perguntas iguais para todos os entrevistados, porém, com repostas abertas. Optamos pela entrevista conversacional livre, em que as perguntas básicas foram realizadas e para cada entrevistado outros questionamentos foram feitos de forma não padronizada embora mantivéssemos o tema nuclear.

Já na terceira etapa da análise, *Matéria: Bandido era sobrevivente da Candelária*, observamos o discurso dos entrevistados a partir da leitura da referida matéria. (O GLOBO, 14 jun. 2. ed. 2000, p. 22). Observamos como o leitor faz a interpretação do fato em si e quem foi Sandro do Nascimento Barbosa aos olhos do jornal. Todos os entrevistados afirmam que, mesmo sem ler a matéria, a primeira associação é a uma reportagem sobre um bandido.

Por fim, na quarta e última análise, *A desconstrução do “bandido” pelo olhar documental: Ônibus 174*, utilizamos a técnica metodológica do *Focus Group*, as mesmas 15 pessoas foram reunidas para assistir ao documentário *Ônibus 174*, produzido em 2002 por José Padilha, para desconstruir a pré-imagem de Sandro do Nascimento Barbosa que fora construída a partir das memórias existentes sobre o fato e o discurso do jornal *O Globo* a partir de matéria citada.

No que diz respeito ao grupo focal, devemos evidenciar, com Barbour (2009), que “Qualquer discussão de grupo pode ser chamada de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando as interações do grupo.” (BARBOUR, 2009, p. 21 apud KITZINGER; BARBOUR, 1999, p. 20). A técnica metodológica é definida, em diferentes correntes, como: entrevista de grupo; entrevista de grupo focal e discussão de grupo focal. A autora enfatiza necessidade de um grupo selecionado estar reunido; a necessidade da presença de um pesquisador atento e disposto a conduzir os trabalhos e a existência de um tema/questão a discutir, ou seja, a questão focada na discussão.



No caso da pesquisa em análise, o grupo reuniu-se em uma sala ampla, onde pôde dispor-se em círculo para a discussão e com condições técnicas de projeção do documentário. O encontro foi gravado em vídeo e analisado posteriormente.

Para tanto, toda pesquisa proposta objetivou olhar para o problema como um fenômeno e quis compreender e descobrir o sentido do que estava posto por trás do texto, nas dobras (FOUCAULT, 2002) e não simplesmente ler o que estava escrito.

Para Silva (2006) a fenomenologia possibilita a busca de experiências, a vivência integral. Esse método é uma tentativa sistemática de compreender e descrever o significado de experiências vividas.

O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 18).

Assim, podemos afirmar que as experiências de cada indivíduo possibilitam que se ative o estereótipo de *bandido* quando esse termo é lido no jornal diversas vezes, sem que haja uma contextualização, análise ou justificação do fato que envolve a notícia. Para conseguirmos interpretar e desconstruir os estereótipos criados, decidimos justapor o método fenomenológico ao hermenêutico. Portanto, na investigação científica, propusemos fazer uma análise e também um processo hermenêutico, “quando a análise, como elucidação de conceitos ou de proposições, pretende desfazer preconceitos e mal-entendidos”. (PAVIANI, 2009, p. 77).

Não é possível observar sem compreender. Toda percepção, como ponto de partida, descrita por Merleau-Ponty (1994) ou Maturana (1992), é de certo modo um movimento hermenêutico. [...] Perceber consiste na constituição de um mundo de ações. Por isso, uma explicação científica pode ser compreendida como uma interpretação do próprio ato de conhecer. (PAVIANI, 2009, p. 84).

A hermenêutica é interpretação, portanto, a pergunta que se faz é: Qual é a imagem que o leitor cria quando lê a palavra *bandido*? Que intenção o jornal *O Globo* teve/tinha quando escreveu o adjetivo *bandido* três vezes em um mesmo parágrafo?

Para Manen (1990, p. 25), a relação entre fenomenologia e hermenêutica é permeada pela natureza descritivo-interpretativa de ambos os métodos, o que os torna completos entre si. “A fenomenologia (como pura descrição da experiência vivida) e a hermenêutica (como interpretação da experiência utilizando algum ‘texto’ ou alguma forma simbólica)”.

A hermenêutica foi utilizada nesta pesquisa científica na desconstrução da imagem de Sandro do Nascimento Barbosa criada nas matérias do jornal *O Globo* – em 2000 – e possibilitou a interpretação da construção da imagem do mesmo rapaz pelo documentário *Ônibus 174*, de 2002.

Podemos analisar o fato pela própria existência e aceitar as experiências de cada indivíduo na formação de uma opinião subjetiva sobre ele, fazendo uso da fenomenologia. Para a interpretação e compreensão do fenômeno, fazemos uso da hermenêutica.

Essa relação entre os dois métodos, o hermenêutico e o fenomenológico, é esclarecida por Dartigues

A fenomenologia-hermenêutica deverá decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado [...] não mais se contentando em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece. (1992, p. 132).

Manen (1990) observa, de maneira positiva, a união dos dois métodos para a investigação. Entende-se que tanto a hermenêutica quanto a fenomenologia pertencem às ciências humanas e nasceram da filosofia, portanto, ambas são flexíveis. Estuda as pessoas (e não os indivíduos), e se constitui em atividades, também, de escrita. Pesquisar e escrever pertencem ao mesmo processo.

## Considerações finais

Olhar para um fato jornalístico do passado, analisá-lo e observar a memória presente eram nossos objetivos ao selecionar o estudo do caso do *Ônibus 174*. “Estereótipo de bandido do *ônibus 174* ainda no imaginário: memória da recepção e metodologia de pesquisa na recuperação do fato jornalístico” traz possibilidades de aplicação de metodologias utilizadas na pesquisa em Comunicação, ao mesmo tempo que evidencia a importância do rigor na aplicação desses métodos. As técnicas metodológicas, quando amarradas a conceitos e utilizadas em rede, conseguem obter resultados sólidos e objetivos. Buscávamos verificar como

o jornal *O Globo* desenhou a imagem do personagem Sandro e se essa permaneceu no imaginário das pessoas entrevistadas.

O estudo permitiu que corroborássemos duas hipóteses: concluiu-se que o jornal criou um estereótipo na tentativa de induzir os leitores a julgarem Sandro como bandido, pois, no texto selecionado para análise com os entrevistados, a ênfase que se deu ao fato de o rapaz ser um ex-presidiário, um *bandido perigoso* e um *viciado em cola* construiu a imagem de delinquente perigoso, frio e calculista. O uso de adjetivos como sequestrador, viciado, perigoso, marginal também recebeu destaque. Somente a palavra *bandido* foi utilizada 17 vezes na matéria selecionada para análise. No entanto, a hipótese de que, após a leitura, os entrevistados confiariam na imagem vendida pelo jornal, considerando que ela atendia à realidade, foi validada num primeiro momento em vista de os entrevistados não terem registro claro do fato. Lembravam de Sandro como bandido, mas, imediatamente após a leitura da matéria selecionada, manifestaram incerteza e, depois de assistirem ao documentário *Ônibus 174* (2002), apontaram o comportamento do jornal *O Globo* como tendencioso (com exceção de um).

A análise do discurso permitiu compreender que a força da palavra *bandido* ganha poder devido à legitimidade de autoridade de quem a emite. Pêcheux (1988) e Bourdieu (2010) afirmam que quanto maior for a credibilidade do emissor maior será o destaque à palavra recebe. O jornal *O Globo* construiu um *bandido* pelo número de vezes que usou o próprio termo. Os estereótipos contribuíram e reforçaram a construção da imagem negativa a respeito de Sandro do Nascimento Barbosa.

A pesquisa relatada permitiu-nos um grande aprendizado. Pudemos, a partir dela, ampliar a reflexão sobre a importância do método para um trabalho acadêmico, vivenciando, também, o limite estreito que separa a resposta que o pesquisador busca nos fatos daquela que ele, em alguns momentos, já tem constituída. A experiência mostrou-nos, da mesma forma, que o purismo na escolha de um método pode dar conta do problema que se quer investigar, mas que, na pesquisa em questão, a trama obtida com as técnicas metodológicas ancoradas nos princípios de fenomenologia e de hermenêutica permitiu o olhar acurado, a captura de pontos que, de outro modo, talvez não conseguíssemos vislumbrar, mesmo que, intuitivamente, julgássemos que estavam lá, em algum lugar, por trás do texto.

A teoria preconiza o distanciamento entre o pesquisador e o tema/problema de pesquisa, em nome da isenção, da objetividade e da ciência. A busca cuidadosa pelo método, a escolha entre diversas técnicas metodológicas, serviu para que “decantássemos” nossa análise com cuidado, sem que, ao final, nos causasse incômodo ter escolhido (como tema), um problema que pulsava em nós.

Este trabalho nos mostrou que a pesquisa não dispensa a paixão, apenas exige ética, cuidado e cientificidade, que nem sempre precisa ser traduzida em padronização ou fórmulas. Trabalhar com método, academicamente, significou ouvir o que os fatos tinham a nos contar, antes de qualquer passo, buscando despi-los de preconceitos, ao mesmo tempo que, para o encontro, buscávamos nos despir dos nossos. A tarefa é realmente difícil, mas o método mostrou-se excelente guia para a caminhada.

## Referências

- AMARAL, Luiz. *Técnicas de jornal e periódico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARBOUR, Rosaline S. *Grupos focais*. São Paulo: Bookman; Artmed, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRANDAPO, Helena Nagamine. Conceitos e fundamentos: enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-43.
- BUCCI, Eugenio. *Sobre ética e imprensa*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* 7. ed. São Paulo: Centauro, 1992.
- GAUER, Ruth M. Chittoí. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: \_\_\_\_\_; GAUER, Gabriel J. Chittoí (Org.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999. p. 13-34.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: estratégia poder saber*. v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro. Vozes, 2000.
- GODOI, Christiane Kleinubing; MATTOS, Pedro Lincoln C. P. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.;

MELLO, Rodrigo Bandeira de.; SILVA, Anielson Barbosa da. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigma, estratégias e métodos*. SaPo Paulo: Saraiva, 2006. p. 301-323.

KARAM, Francisco Josei. *Jornalismo, ética e liberdade*. SaPo Paulo: Summus, 1997. v. 54.

KITZINGER, J.; BARBOUR, R. S. Introduction: the challenge and promise of focus group discussions. In: BARBOUR, R. S.; KITZINGER, J. (Ed.). *Developing Focus Group research: politics, theory and practice*. London: Sage. p. 1-20.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. Porto Alegre: Ática, 1999.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Ed. da UnB, 1996.

MANEN, Max Van. *Researching lived experiences: human science for an action sensitive pedagogy*. New York: Suny Press, 1990.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. SaPo Paulo: Atlas, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: M. Fontes, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PAVIANI, Jayme. *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

PECHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de E. P. Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.

SIERRA, F. Función y sentido de la entrevista cualitativa em investigación social. In: CAICERES, L. J. G. (Coord.). *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Prentice Hall, 1998.

SÓLIO, Marlene Branca. *Violência: um discurso que a mídia cala*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SÓLIO, M. Branca; DALL AGNOL, Caroline. *Metodologia no trabalho científico: importância da coerência no desenvolvimento da pesquisa*. ALCEU, v. 15, p. 25-42, 2015.

SILVA, Anielson Barbosa da. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: -----; GODOI, Christiane Kleinubing; MELLO, Rodrigo Bandeira de (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigma, estratégias e métodos*. SaPo Paulo: Saraiva, 2006. p. 267-298.

SILVA, Heilio R. S. A língua geral da violência. In: GAUER, Gabriel J. Chitto; GAUER, Ruth M. Chitto. (Org.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999. p. 37-46.

VALLES, M. S. *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Síntesis, 1997.